

Economista acha que EUA e bancos têm que cooperar

Londres — “O maior perigo, até agora, na crise da dívida externa não veio paradoxalmente, dos radicais latino-americanos mas dos muitos bancos que não estavam dispostos a cooperar e dos parlamentares norte-americanos obcecados em evitar a transferência do problema dos bancos para os governos”. A afirmação foi feita ontem num artigo de William R. Cline, do Instituto Internacional de Economia, de Washington, publicado no “Financial Times” de Londres.

A crise - disse ele - foi precipitada pelos desarranjos da economia mundial: a explosão do preço do petróleo custou aos países subdesenvolvidos (não produtores) 260 bilhões de dólares entre 1974 e 1982, as taxas reais de juros acima da média histórica e a perda de exportações custou-lhes 140 bilhões de dólares entre 1981 e 1982.

Para que o sistema financeiro se afaste do abismo que é a crise da dívida, será preciso que os países da “OECD” registrem um crescimento anual de três por cento entre 1984 e 1986. Pelo momento, no outro setor, “os países-chave devedores (Brasil, México e Argentina) reve-

lam substanciais melhorias”.

“O temor à retenção de capitais e de embarques no exterior, e principalmente o desejo de manter o crédito a longo prazo parecem ter afugentado as moratórias, o que foi confirmado no pouco desejo de chegar à criação de um sindicato de devedores mostrado pelos ministros das finanças que se reuniram em Caracas”.

Talvez o maior perigo venha do Brasil, onde o partido da Oposição está exigindo uma potencialmente devastadora moratória de três anos. A pergunta que permanece é até que ponto durará a tolerância interna antes que os programas de reajustamento a levem ao ponto do rompimento. Ainda bem que as projeções do país dizem que ainda são possíveis alguns progressos na balança externa, sem uma recessão interna de grandes proporções”.

Depois desta análise, o economista disse que se deveria evitar soluções globais, de transferência das dívidas a esquemas internacionais e que a estratégia deveria ser a de manter o controle do problema “caso por caso”, refinanciando e fazendo novos empréstimos.